

# Poltergeist

## Capítulo I – Identidade Secreta

No centro de Futura, uma das nações cientificamente mais avançadas do mundo, cuja arquitetura moderna preponderante causava bastante admiração. Havia uma enorme propriedade em destaque que outrora fora um museu, porém após a venda do mesmo, tornou-se um domicílio luxuoso e sofisticado. A Mansão do Amanhã, como ficou conhecida, chamava a atenção pelo seu tamanho e exuberância.

Repleta dos mais avançados sistemas de segurança, obras de artes contemporâneas espalhadas pelo ambiente, muitas paredes acústicas de vidro e robôs domésticos. Era o desejo de todo o magnata possuí-la para si. Porém esta já tinha dono, pertencia à famosa Família Maquin.

Era o início da tarde, quando um estranho chegou ao local, caminhava pelo “Salão de Recepção”, um lugar da residência onde as obras de arte: quadros, móveis, esculturas e etc; de menor valor, mas de grande beleza, ficavam no intuito de causar admiração nos convidados. Aquele era o primeiro contato de qualquer visitante, após passar pelo

“Quintal Paladino”; composto por seu labirinto de arbustos e um suntuoso chafariz com estátuas de cavalos; e cruzar os “Jardins Extraordinários” repleto das mais preciosas e belas flores e plantas do mundo. Ambos os lugares eram monitorados por drones de vigilância que sobrevoavam o espaço em busca de possíveis ameaças.

Ele andava de um lado para o outro, após ter sido autorizado pelo governante da residência a entrar, estupefado pela grandiosidade do local e maravilhado com cada item. Queria pegar tudo e levar consigo, e até faria se fosse possível.

Entretanto, uma extravagância em particular tomou-lhe toda a atenção e ao mesmo tempo o encheu de inveja; um carro esportivo vermelho, Ferrari SF90, que ficava girando sobre uma plataforma bem no meio do salão. Após parar por muito tempo, admirando o automóvel, continuou.

Durante suas observações encontrou um pequeno Buda, feito de prata, olhou para os dois lados, e quando estendeu a mão para apanhá-lo e posteriormente o esconder dentro da jaqueta.

-Se eu fosse o senhor, jamais faria isso, –disse uma voz grave e firme, que vinha do alto –nós temos muitas câmeras aqui dentro.

Desnortado, o sujeito magrelo e maltrapido tentava desajeitadamente colocar o objeto de volta ao local.

-Desculpe, -falou, esboçando um sorriso amarelo, com alguns dentes quebrados e manchas pretas – eu só estava limpando.

-Não se preocupe, –rebateu o indivíduo que se aproximava, após descer de um elevador de vidro transparente e bordas metálicas –nós temos robôs de faxina, justamente para esse fim. E meu criado, Baltasar, também ajuda muito.

O homem vestia uma camisa regata branca, short preto, e tênis de ambas as cores. Estava muito suado e com uma toalha de rosto pendurada no pescoço. Tinha uma postura bastante ereta e imponente.

-Desculpe! –tentou sorrir o homem de dentes amarelos, estava nervoso em ser pego no flagra, e conforme o alto e robusto proprietário da mansão

se aproximava, maior ficava seu nervosismo –Tenho cleptomania!

Após isso, ele assoou o nariz na roupa, e estendeu a mão.

-Salve! Prazer, eu sou o Cenoura!

Arthur analisou a figura da cabeça aos pés, tinha a fase cheia de sarda e olhos grandes, fitou-o seriamente por alguns segundos e só parou quando viu um piolho cair de sua toca preta.

Sem cumprimentá-lo, o magnata jogou seus braços para trás.

-Não compreendo o porquê de mandarem o senhor... Cenoura? Não é?

-Sim, sim, isso mesmo, quando eu era criança, era Salsicha. O Salsicha pra cá, Salsicha pra lá, mas quando eu entrei pra o mundo do crime, aí virou Cenoura, mas na minha infância, por causa das sardas, eles me chamavam de ferrugem e uma vez...

-Senhor Cenoura, eu não estou nem um pouco interessado em saber da sua história de vida...

O homem calou a boca na mesma hora, primeiro o ricaço havia recusado seu aperto de mão, agora

pouco se importava com sua origem. Gente rica era muito arrogante!

-Quero saber o motivo de Valete tê-lo mandado vir pessoalmente à minha casa!

-É que o Eva, eles estão de olho na galera do alto escalão sabe, então eles mandaram alguém menos...

-Relevante. –completou Arthur Maquin, ironicamente –Talvez nossas comunicações já estejam até sendo grampeadas neste momento. Continue, por favor...

-É... Os prédios foram descobertos, e os advogados estão todos presos agora!

-Isso é inacreditável! –resmungou Arthur, expressando surpresa e insatisfação –Encontraram o delator?

-Não, mano. Ninguém sabe quem foi, o Valete tava furioso!

-Imagino! Tanto trabalho para ocultar aqueles executivos, e tudo ter ido por água abaixo!

- É, deve ter sido algum trairá vagabundo! Se eu botar as minhas mãos nele, eu...

-Vamos logo ao que interessa, por que ele o enviou até mim? Apenas para dizer que destruíram todo nosso trabalho?

-Não, um camarada nosso de dentro do Eva, afirmou que alguns arquivos estão na base deles. E se conseguirem ler o que tem dentro...

-Agora entendi o tamanho do problema... Mas parece que existe uma esperança... Sempre disse que só me envolveria no caso da situação fugir do controle. Deduzo que ele necessita de toda minha influência para contratar alguém que possa roubar os arquivos secretos antes que os agentes da EVA desvendem nossa criptografia.

-Isso! Até que para um ricoço, você manja das coisas! E não é a primeira vez que esse maluco nos ataca não! Ele já denunciou muita coisa, temos que pegar esse traíra, se não ele vai acabar com tudo, pode crer!

-Realmente, esse “sabotador” está causando prejuízos milionários a toda organização. E o projeto já está praticamente sendo posto em ação. Diga ao Valete, que vou me envolver, antes que ocorra alguma desgraça. Contratarei alguém para

roubar esses arquivos da EVA, depois encontrarei um novo pessoal para lidar com a papelada. Mas não é só isso, também vou delegar alguém para descobrir quem é esse sabotador, e assim que isso for concluído. Ele terá o fim mais cruel possível!

A última frase de Arthur soou como uma certeza, que Cenoura nunca havia visto na vida. Gente rica é maluca!

A porta do Salão de Recepção se abriu, e em seguida alguém surgiu, se assemelhava a uma versão mais jovem de Arthur. Trajava um modelo universitário de terno azul escuro com gravata escarlate e uma mochila azul marinho pendurada nas costas.

-Bom dia! –cumprimentou o rapaz, que estranhou ver seu pai conversando com um homem tão sujo e maltrapido.

-Hã?... –murmurou ao aproximar-se.

-Boa tarde, Thomas! Esse é o Senhor Cenoura – afirmou Arthur –Um morador de rua que eu ajudo. Ele veio fazer uma visita e já estava de saída. Que surpresa! Tantas coisas na cabeça, e acabei por esquecer que voltaria mais cedo hoje!

Morador de rua? Aquela havia doido no ego. Mesmo assim, o marginal ainda estendeu a mão para o jovem, por um momento, esqueceu que ricos nunca o cumprimentavam. Antes que pudesse contraí-la, pela primeira vez, obteve retorno de alguém com muito mais poder aquisitivo do que ele. Seu sorriso varou de orelha a orelha e uma alegria boba tomou conta de Cenoura, assim como uma criança que ganha o que havia pedido no natal.

-Até mais, cara! –disse, com seu sorriso amarelo. E saiu cantarolando.

Pai e filho ficaram a observar aquele estranho personagem, até que este saísse pela porta.

Enquanto Cenoura admirava as flores dos Jardins Extraordinários, alguém também o observava. O mesmo que o havia seguido até ali e escutado toda a sua conversa com o magnata Arthur Maquin.

Após andar lentamente, fingindo estar desnorteado pela beleza daquelas espécies, Cenoura cortou o Quintal Paladino às pressas. Como se devesse algo. Seu perseguidor oculto reparou. “Por que tanta pressa, amigão?!”

Ao sair pelos Portões Colossais, veio à surpresa, Cenoura puxou um relógio da marca rolex dourado do bolso e ficou a admirá-lo. Tinha tomado do jovem Thomas, enquanto este o cumprimentará.

-Rato!

Escutou o ladrão, que de uma hora para outra, desfez seu sorriso amarelo e ficou sério, ao mesmo tempo em que temeroso. Olhava para todos os lados, mas não avistava ninguém. E quando deu por si, o relógio de pulso já não estava em suas mãos.

-Meu deus! –desesperou-se o marginal -Além de cleptomaníaco, agora sou esquizofrênico também!

Fez o sinal da cruz e saiu correndo às pressas, cada vez mais rápido. Apavorado e sem entender o que ocorrerá.

Sorte de seu perseguidor, que não aguentou ver a cara de tonto de Cenoura, e por mais que segurasse a risada, deixou esta escapar no final.

Cogitou em voltar e devolver o relógio para seu respectivo dono, mas ao vislumbrar as horas no mesmo, reparou que já deveria estar em casa fazia algum tempo.

-Duas horas! Nossa, estou atrasado!

Leonardo começou a correr pelas ruas, desviando com facilidade dos carros, porém existia um detalhe que tornava tudo aquilo mais especial e diferente. Ele estava invisível, foi assim que conseguiu seguir Cenoura, escutar a conversa e tomar-lhe o rolex. Vestia um traje marrom, de fabricação própria, que permitia refletir a luz do ambiente e o tornar imperceptível aos olhos humanos. No entanto, nesse estado, sua visão limitava-se a espectros do vermelho, com certa falta de nitidez.

Depois de averiguar seu atraso, ele se escondeu em um beco, no qual outrora guardará sua mochila preta. Após trocar o traje especial pela roupa casual, utilizou todos os métodos que conhecia para adiantar a jornada até sua casa, cortando por muitos atalhos.

Assim que chegou, ao abrir a porta, sua mãe o percebeu.

-Atrasado de novo! –reclamou ela –Esse cursinho está tomando o meu menino de mim!

-Boa tarde, mãe!–disse, dando-lhe um beijo na testa.

Ela sorriu e o cumprimentou de volta, mesmo sem vê-lo, pois sua mãe era cega. Pelo barulho dos passos, percebeu que seu filho dirigia-se ao quarto.

Lá dentro, Leonardo jogou a mochila em cima da cama, pegou umas roupas mais formais e passou a vesti-las apressadamente.

A casa era bem pequena e só havia quatro cômodos. A cozinha, a sala e dois quartos.

-Mãe, tem alguma coisa pra comer? –indagou enquanto colocava o cinto –Estou com uma baita de uma fome!

-Não comprei nada essa semana, estava esperando depois da consulta!

O jovem correu e abriu a geladeira. Lá dentro havia: dois ovos; três salsichas; uma forma de gelo completamente vazia; duas garrafas de água e uma cenoura quase podre. Leonardo agarrou duas salsichas e as enfiou com tudo na boca, depois arremessou a cenoura no lixo.

-Mãe, onde está Diana?

-Deve estar caçando ratos para comer, também preciso comprar a ração dela. Se alguém pelo

menos tentasse ajudar um pouco às vezes... E chegasse na hora de vez quando... Parece até que gosta de me ver levar bronca do doutor!

-Pô, Mãe! O cursinho é muito puxado, e eu tenho que me esforçar se eu quiser passar no vestibular.

-Hum... Sei bem o que te atrai nesse cursinho... E o seu tio?

-O que tem ele? –rebateu Leonardo, finalmente terminando de se vestir.

-O que tem ele? Vocês não vão mais trabalhar juntos não? Ele não te chama mais pra trabalhar, por quê?

-Desculpe, mas aquilo não é emprego! É bico! E eu preciso me dedicar aos estudos!

-Mas... Você não recebeu dinheiro pra ajudar?

-Recebi, mas...

-Então é emprego sim!

-É pouco!

-Melhor do que nada!

-Tá certo! Depois eu o procuro, vou ver se consigo algum “trabalho” com ele.

-Muito bom, mas só depois de me levar ao banco, após a consulta. Preciso sacar a pensão antes de ir ao mercado.

-Beleza! Levo você lá e volto para a biblioteca –disse Leonardo, abrindo a geladeira para pegar a última salsicha.

-Vai comer tudo mesmo?! –indagou a mulher, invocada -Já é a segunda vez que você abre a geladeira!

-Você não vai ao mercado?

-Vou! –disse ela, se aproximando e tomando-lhe a salsicha das mãos –Mas não posso ficar esse tempo todo em jejum!